

EDITORIAL

Os Cadernos Arendt chegam ao seu segundo ano de existência, com quatro números publicados e, junto com eles, a percepção de que este periódico passa a ser uma referência acadêmica para as publicações em torno do pensamento de Hannah Arendt.

Nós, Editores dos Cadernos Arendt e Coordenadores do Núcleo de Pesquisa Hannah Arendt da Universidade Federal do Piauí, procuramos, ao longo desses dois anos, construir um periódico que fosse um veículo de propagação das pesquisas realizadas no Brasil e em outros países acerca do pensamento arendtiano, bem como um instrumento capaz de demonstrar o quanto a filosofia política de Arendt é poderosa para pensarmos os nossos tempos, envoltos em ameaças constantes contra os alicerces de nossa frágil democracia.

Durante sua vida intelectual, Hannah Arendt travou inúmeros diálogos com autores que constituem aquilo que comumente chamamos de “História da Filosofia”. Ao seu modo, Arendt fez das categorias filosóficas de Sócrates, Platão, Aristóteles, Cícero, Agostinho, Maquiavel, Rousseau, Montesquieu, Kant, Tocqueville, Karl Marx, entre outros, pontos de partidas para suas próprias reflexões. Ainda, dialogou de perto com pensadores que lhe eram contemporâneos, como Merleau-Ponty, Jaspers, Heidegger, Benjamin e Hans Jonas, os quais lhe ajudaram a legar às futuras gerações de pensadores políticos fecundas categorias argumentativas, como “trabalho”, “obra” e “ação”, “vitória do *animal laborans*”, “espaço público”, “sociedade de massa”, “totalitarismo”, “terror”, “ideologia”, “pensamento”, “vazio de pensamento”, “banalidade do mal”... Após sua morte, em 1975, muitos pensadores, durante seus percursos filosóficos, se voltaram para as reflexões de Arendt na construção de seus arcabouços conceituais, como Jacques Rancière, Giorgio Agamben, Judith Butler, Nancy Fraser... Importante salientar que não são poucos os pesquisadores que realizam aproximações conceituais entre Arendt e outros pensadores, mesmo diante do fato de que entre eles nunca tenha havido um diálogo filosófico, como é o caso de Michel Foucault.

Assim, a interlocução de Hannah Arendt com a filosofia é fecunda e aberta a múltiplas possibilidades. Para lançar luz sobre essa característica do pensamento arendtiano, o presente número dos Cadernos Arendt dedica um Dossiê intitulado: “Hannah Arendt e seus interlocutores”. Este número é constituído por uma tradução de um manuscrito de Hannah Arendt, de 1967, que trata da responsabilidade dos intelectuais nas sociedades modernas, e ainda nove artigos de pesquisadores que foram convidados para participar desse dossiê. Estes nove pesquisadores nos presenteiam com artigos instigantes, os quais aproximam o pensamento de Arendt com outros filósofos. Desse modo, há o diálogo de Arendt com Santo Agostinho a partir da noção de vontade, como fez Elizabete Olinda Guerra, ou com a ideia de *sensus communis* em Cícero, enquanto sentido da política, elaborada por José dos Santos. Rosângela Chaves nos convida a refletir sobre as potencialidades da ação coletiva em Arendt e Tocqueville, já Samir Haddad aproxima as noções de trabalho e fabricação presentes no

II EDITORIAL

pensamento de Arendt com as de Marx. José João Neves nos apresenta algumas notas introdutórias entre a convergência e a divergência dos pensamentos de Arendt e Rousseau, e Ana Paulo Repolês reflete sobre tradição, passado e pensamento em Arendt e Benjamin. Maria de Jesus faz uma leitura aproximativa entre Arendt e Alain Reut pelas sendas da autoridade na educação, Daniel Arruda e Edson Kretle aproximam Hannah Arendt e Giorgio Agamben a partir da vitória do *animal laborans* e de noções antropológicas e, por fim, Paulo Eduardo Bodziak nos apresenta um diálogo de Arendt com Merleau-Ponty a partir das noções de invisível e visível.

Boa Leitura!

Editores dos Cadernos Arendt